



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CANTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

EMILIANO RIBEIRO SANTOS

**O PERFIL DA VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
CAMPINA GRANDE – PB: prevenção e correção**

Campina Grande – PB
2011

EMILIANO RIBEIRO SANTOS

**O PERFIL DA VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
CAMPINA GRANDE – PB: prevenção e correção**

Trabalho monográfico de Conclusão de Curso - TCC, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

**ORIENTADORA: Profª Drª Joana d’Arc Araújo
Ferreira.**

**Campina Grande – PB
2011**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237p

Santos, Emiliano Ribeiro.

O perfil da violência em escolas públicas de Campina Grande – PB. [manuscrito]: prevenção e correção / Emiliano Ribeiro Santos. – 2011.

50 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dra. Joana d’Arc Araújo Ferreira, Departamento de História e Geografia”.

1. Violência escolar 2. inadaptação 3. Desigualdade social. I. Título.

21. ed. CDD 371.782

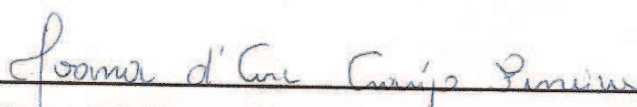
Emiliano Ribeiro Santos

**O PERFIL DA VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
CAMPINA GRANDE – PB: prevenção e correção**

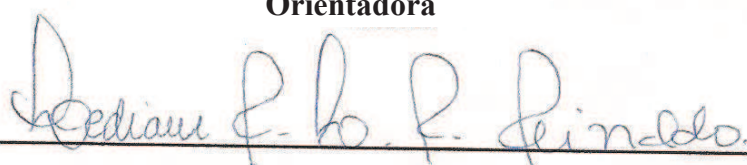
Trabalho de conclusão de curso – TCC

Aprovado em: 06/06/11

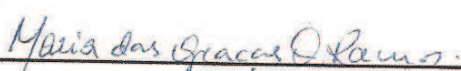
Banca examinadora:



Profª Drª Joana d'Arc Araujo Ferreira. UEPB/CEDUC/DG
Orientadora



Profª Drª Lediam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo. UEPB/CEDUC/DG
Examinadora



Profª Ms Maria das Graças Ouriques Ramos. UEPB/CEDUC/DG
Examinadora

Dedico

A meus pais, José Antonio Ribeiro e Inês Ribeiro Santos;
Aos restantes dos meus familiares e amigos;
Aos meus colegas e companheiros de curso;
Aos meus docentes e colaboradores

AGRADECIMENTOS

Estamos felizes e não podia ser diferente, o prêmio de uma grande batalha é a vitória. Nós vencemos mais uma grande batalha; e este prêmio é mérito dos fortes! Não sabemos de tudo, mas estamos munidos de ferramentas que tornam nossa caminhada mais segura. Temos consciência da imprevisibilidade e do quanto é complexa a profissão que escolhemos, mas nos sentimos fortes, pois sabemos que a união e o conhecimento mantêm as instituições coesas. Esta turma esta se desfazendo, mas, como o eterno ciclo da vida, ela é o embrião de inúmeras outras turmas, que independente de onde surgirem terão um traço, uma fala, um gesto ou um movimento que teve origem aqui, por isso agradeço:

A Deus

Ao meu grandioso Deus, criador dos céus e da terra e de tudo que neles há. Ao qual sempre busquei forças nos momentos mais difíceis da minha vida e sempre encontrei conforto e solução para os meus desalentos. E nos momentos de alegria, que foram tantos, sempre me reporte a ele agradecendo, como agora na conclusão deste maravilhoso curso. Muito obrigado Deus por todas as coisas, que o senhor continue me abençoando como o senhor sempre fez.

A Família

A tão grandiosa célula mater. Que é a base de toda a convivência e educação, sem a qual não seria possível a perpetuação da espécie humana. A qual me apoiou em todos os momentos de minha vida, muito obrigado!!!

Aos Mestres:

Mestres é com grande satisfação que agradeço a dedicação sacerdotal que empenharam na formação dos nossos Geógrafos, em especial a mim, pois ensinaram com zelo não só o sentido do conhecimento profissional, mas me deram o significado profícuo do que é ser um educador e com motivação. Quando quiseram ser professores, nas aulas ministradas, foram amigos e amigas. Quando apenas facilitadores do conhecimento, foram pessoas brilhantes e exemplares que criaram oportunidade de enxergarmos o mundo e as pessoas de uma forma melhor e produtiva. Obrigado, meus mestres, que o legado que deixaram em mim e nos meus colegas de curso seja um reflexo perpétuo para a promoção da garantia da educação e da vida.

A Suellyn de Brito Camelo:

A mulher a qual choramos e sorrimos juntos, algumas vezes. Àquela que disponibilizou uma parte do seu precioso tempo para que enfrentássemos os obstáculos do curso superior e até da vida. Toda a minha gratidão para você que serviu de farol e apoio nos momentos de sombra e escuridão; que foi ícone na minha formação; que foi uma das colunas do templo do conhecimento construída em quase cinco anos; que foi a luz no fim do túnel; que me deu o ombro tantas vezes, devido aos mais variados motivos, o qual serviu de NORTE na ausência da direção, que serviu de porto em meio à tempestade. Saiba que o mais importante para mim é a certeza de que perto de você tenho força nos momentos de fraqueza e sorrisos nos momentos de tristeza. É com muita alegria e respeito que agradeça a você, minha linda, e que Deus continue te iluminando.

A minha orientadora: Joana D'Arc

O meu sincero agradecimento por me ajudar a galgar mais um degrau na escada do conhecimento. Uma subida que sem a sua orientação, paciência, sagacidade, conhecimento, motivação, ajuda, empenho, honestidade e espelho, seria em vão. Muito obrigado minha dileta professora e orientadora, sempre a terei em minha mente como ícone. Que a senhora continue sempre sendo abençoada por Deus.

A todos os colegas da universidade

Agradeço por todos os momentos de alegria e tristeza que passamos juntos. Pela amizade e o apoio que me deram. Fazer parte deste brilhante corpo de alunos me fez sentir honrado e dignificado.

“Nossa maior fraqueza está em desistir. O
caminho mais certo de vencer é tentar
mais uma vez

(Thomas Edson)

RESUMO

SANTOS, Emiliano Ribeiro. **O Perfil da Violência nas Escolas Públicas de Campina Grande – PB: prevenção e correção.** (Monografia de Conclusão de Curso). UEPB/CEDUC/DG. Campina Grande, 2011.

As crianças e adolescentes, que perante o estado social são frágeis, muitas vezes utilizam a violência para se protegerem, caracterizando uma inadaptação social. Essa violência é apresentada principalmente nas escolas, portanto é necessária uma análise dos motivos da violência nas escolas públicas, por ser um assunto de relevância global. Neste aspecto, é objetivo desse trabalho, discorrer acerca dos fenômenos da violência exercida por jovens em quatro escolas públicas situadas nas diferentes zonas geográficas de Campina Grande – PB, investigando de que maneira a inadaptação social repercute em relação aos atos de violência, analisando suas causas, como também identificando o papel do professor na superação do problema e apontando os meios que devem ser utilizados pelas escolas para evitar os atos violentos. Dessa forma, o estudo foi realizado através de um levantamento exploratório, sobre o perfil da violência nas escolas da rede estadual de ensino, distribuídas nas quatro zonas geográficas de Campina Grande. O critério utilizado foi à amostragem estratificada, sendo escolhidas as turmas compostas por alunos de cada escola sorteada do 1º ano “A”, 2º ano “A” e 3º ano “A” do ensino médio do turno da manhã das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio Anésio Leão, Félix Araújo, Nenzinha Cunha Lima e Drº Elpídio de Almeida. O questionário utilizado foi do tipo fechado e abordou questões a respeito do perfil sócio cultural do corpo discente. Posteriormente ao levantamento, os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Após a análise dos dados foi constatado que a família é o núcleo primordial da educação, podendo incentivar a violência através das ações de seus integrantes, coexistindo também a questão da desigualdade social que pode levar aos atos violentos.

Palavras-chave: Inadaptação, social, professor, família, desigualdade.

ABSTRACT

SANTOS, Emiliano Ribeiro. **The Profile of the Violence in the Public Schools of Campina Grande - PB: prevention and correction.** (Monograph of Conclusion of Course). UEPB/CEDUC/DG. Campina Grande, 2011.

The children and adolescents, that before the social state are fragile, a lot of times they use the violence for if they protect, characterizing a social inadaptação. That violence is presented mainly at the schools, therefore it is necessary an analysis of the reasons of the violence in the public schools, for being a subject of global relevance. In this aspect, it is objective of that work, to discourse concerning the phenomena of the violence exercised by youths in four located public schools in the different geographical zones of Campina Grande - PB, investigating that sorts out the social inadaptação it rebounds in relation to the violence acts, analyzing your causes, as well as identifying the teacher's paper in the superação of the problem and pointing the middle that should be used by the schools to avoid the violent acts. In that way, the study was accomplished through an exploratory rising, on the profile of the violence in the schools of the state net of teaching, distributed in the four geographical zones of Campina Grande. The used criterion went to the stratified sampling, being chosen the composed groups for students of each the 1st year-old raffled school THE ", 2nd year " THE " and 3rd year " THE " of the medium teaching of the shift of the morning of the State Schools of Fundamental Teaching and Medium Anésio Leão, Félix Araújo, Nenzinha Cunha Lima and Drº Elpidio of Almeida. The used questionnaire was of the closed type and it approached subjects regarding the profile cultural partner of the body discente. Later to the rising, the data were analyzed in a qualitative and quantitative way. After the analysis of the data it was verified that the family is the primordial nucleus of the education, could motivate the violence through the actions of your members, also coexisting the subject of the social inequality that can take to the violent acts.

Keyword: Inadaptação, social, teacher, family, inequality.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Relação percentual de alunos que agrediram ou já foram agredidos, da Escola Anésio Leão..... 39
- Gráfico 2** – Relação percentual de alunos que agrediram ou já foram agredidos, da Escola Félix Araújo..... 40
- Gráfico 3** – Relação percentual de alunos que agrediram ou já foram agredidos, da Escola Nenzinha Cunha Lima..... 41
- Gráfico 4** – Relação percentual de alunos que agrediram ou já foram agredidos, da Escola Elpídio de Almeida..... 42

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Mapa de Campina Grande – PB com a localização das escolas analisadas..... | 34 |
| Figura 2 – Fachada da E.E.E.F.M. Anésio Leão..... | 35 |
| Figura 3 – Fachada da E.E.E.F.M. Félix Araújo..... | 36 |
| Figura 4 – Fachada da E.E.E.F.M. Nenzinha Cunha Lima..... | 37 |
| Figura 5 - Entrada da E.E.E.M. DRº Elpídio de Almeida..... | 38 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.E.E.F.M. – Escola de Ensino Fundamental e Médio

INE – Instituto Nacional de Estatística

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

UDEMOM - União dos Diretores de Escola do Magistério Oficial

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 16 |
| 2.1. O Perfil da Violência Escolar..... | 16 |
| 2.2. A Evolução Histórica do Papel Familiar Sobre a Educação | 20 |
| 2.3. A Sociedade Perante a Violência Escolar | 21 |
| 2.4. Causas da Violência nas Escolas Públicas | 24 |
| 3. OS PROBLEMAS DE INADAPTAÇÃO SOCIAL: PREVENÇÃO E CORREÇÃO | 27 |
| 3.1. A violência nos Jovens como Resultado dos Problemas de Inadaptação Social..... | 28 |
| 3.2. Prevenção da Violência Escolar | 28 |
| 3.3. Métodos para a Correção da Violência nas Escolas Públicas | 31 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 33 |
| 4.1. Caracterização Geográfica das Escolas Pesquisadas | 33 |
| 4.2. Análise e Interpretação dos Dados | 37 |
| 4.2.1. Os Tipos de Violência do Cotidiano Escolar | 42 |
| 4.2.2. Os Fatores que Levam os Jovens a Praticar atos Violentos..... | 42 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |
| APÊNDICE I | 49 |

1. INTRODUÇÃO

A sociedade global tem sido indolente em relação aos seres que perante o estado social são frágeis e que muitas vezes adotam condutas violentas como forma de proteção ou restrição. Em âmbito nacional, o estado social e os meios de comunicação abordam a violência tentando demonstrar soluções exatas ou erradas para tais problemas.

No cotidiano de pequenos e grandes centros urbanos, diversas notícias relacionadas à violência são expostas nos meios de comunicação, como roubos, furtos, homicídios e estupros. O meio rural, que no passado era visto como local de descanso, na contemporaneidade não há muitas diferenças em relação à cidade, pois hoje é assolado por casos de violência evidentes. Em relação à violência escolar, não é um fenômeno novo. Todavia tem vindo a assumir proporções tais que a escola não sabe que medidas tomar para sanar este problema.

Não obstante da realidade mundial, Campina Grande – PB, também apresenta casos de violência escolar que se enquadra em diversas áreas tais como: física, psicológica, verbal e às vezes até mesmo negligencial.

São pelos motivos citados acima que é necessária análise da questão da violência na escola pública, por ser de grande relevância no mundo contemporâneo e de uma problemática educacional complexa, sendo um desafio e uma forma de se aprofundar no conhecimento de suas causas e formas de evitá-la, dentro da área educacional. Muito se tem abordado sobre esse assunto e muitas pesquisas já foram direcionadas nesse campo. Partindo desses pressupostos, é preciso analisar pessoas, idéias e atitudes que interferem na motivação e aprendizagem.

No contexto sociocultural, entende-se que esse enfoque ajuda a compreender a complexidade da problemática educacional bem como as dificuldades encontradas pelos professores, pela escola e pela sociedade na busca de soluções para resolver esse problema, ajudando também, no melhor entendimento do tema bem como para futuras investigações. Poderá também servir de auxílio no sentido de que os alunos e a escola tentem compreender a atual situação de violência das escolas para que possa fazer uma reflexão crítica sobre este assunto e organizar diretrizes que busquem solucionar ou, pelo menos, minimizar o problema melhorando a convivência no contexto da escola.

Neste aspecto, o trabalho se propõe a discorrer acerca dos fenômenos da violência exercida por jovens nas escolas públicas das quatro zonas geográficas de Campina Grande – PB, bem como, evidenciar que a inadaptação causa os problemas da violência, e que esta é consequência do meio onde os jovens estão inseridos, além disso, foram expostas formas de prevenção e correção, então, o objetivo geral deste trabalho foi investigar de que maneira a inadaptação social repercute em relação aos atos de violência vivenciados nas escolas públicas da cidade supracitada. Quanto aos objetivos específicos foram analisar as causas da violência na escola e sua repercussão social, identificar o papel do professor na superação da violência vivenciada na escola, e apontar meios que devam ser utilizados pelos professores para evitar os atos de violência nas escolas.

Ao longo do trabalho, foram alvos de reflexão, o papel da família na educação numa perspectiva histórica até os dias de hoje; o fenômeno da violência e como ela se registra na sociedade; a violência nos jovens, fruto da ausência de referências positivas no meio onde se circunscrevem; análise da violência e seus implicados no contexto escolar e se poderia haver uma interação positiva ou não entre a escola e seus alunos. Foram também apontadas as causas da violência, sua prevenção e como o educador social, enquanto profissional qualificado, poderá agir na prevenção do fenômeno em questão.

Em suma, procurou-se aprofundar os conhecimentos em torno desta temática, com um intuito ávido de conhecer como a escola, a família e em sentido lato a sociedade se organiza na gestão desta problemática tão grave na contemporaneidade. Para a metodologia, foi realizado um estudo através de um levantamento exploratório, sobre o perfil da violência nas escolas públicas da rede estadual de ensino, das zonas geográficas de Campina Grande – PB, ou seja, Zona norte, Sul, Leste e Oeste, como resultado dos problemas de inadaptação social e suas formas de prevenção e correção no período de 2010. O critério utilizado foi à amostragem estratificada, sendo escolhidas as turmas compostas por alunos de cada escola sorteada do 1º ano “A”, 2º ano “A” e 3º “A” do ensino médio, do turno da manhã. O questionário foi do tipo fechado e abordou questões a respeito do perfil sócio cultural do corpo discente (Apêndice I, página 44). Posteriormente ao levantamento, os dados foram avaliados de forma qualitativa e quantitativa, para verificação das seguintes hipóteses propostas:

1ª Hipótese: A inadaptação aos padrões sociais de alguns grupos aos quais os adolescentes pertencem, tais como: hippies, rockers, skinheades e outros, fazem com que os jovens

adquiram condutas de acordo com o que vivenciam diariamente, e muitas vezes essas condutas são violentas;

2ª Hipótese: Os jovens não sofrem apenas a violência física, mas também a psicológica a verbal e a negligencial;

3ª Hipótese: A família não tem vínculo algum com a educação escolar;

4ª Hipótese: A relação do aluno com a escola é fator importante, uma vez que é a organização pedagógica quem previne os problemas relacionados a violência;

5ª Hipótese: Para prevenir e corrigir violência é preciso saber a sua causa;

6ª Hipótese: Quanto à violência escolar o educador nada pode fazer, a correção partirá apenas das partes envolvidas na ação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O Perfil da Violência Escolar

Um ato violento só é de fato um problema se a maioria da sociedade o considerar que é, ou seja, se for tipificado e reconhecido como tal. A violência é na sua maior parte protagonizada pelos jovens, que se agrupam, formando sub-culturas, habitualmente no seio do tecido urbano, adquirindo formas de vestir, agir ou pensar muito características. Os hippies, os rockers, os skinheades, entre outros são exemplos bem conhecidos de grupos inadaptados aos padrões da sociedade.

A violência escolar vem acompanhada de diversos fatores, não surge e termina dentro da sala de aula, sendo apenas uma das facetas dos variados tipos de violência que acerbam o jovem diariamente: a violência familiar, social, estatal, verbal, física, comportamental, entre tantas outras, e o aluno sendo influenciado por tipos de violência em casa ou na rua é meio de transporte para que esta adentre as escolas.

Contudo, para o professor, além de combater as causas, é de imediata importância entender e tentar controlar suas conseqüências. Para isso, muitas possíveis soluções estão sendo apontadas a fim de que esse sério problema seja resolvido. Uma das ações que melhores resultados tem mostrado é a boa gestão da escola, ou seja, a vontade dos diretores e dos professores de mudar o quadro depredado da escola. Uma gestão de qualidade inclui projetos que tragam os professores, pais e voluntários para perto dos alunos, dentro da escola. Projetos como atividades internas nos períodos em que não se tenham aulas, aos fins de semana.

A delinqüência juvenil, a cada dia, vem se disseminando no seio da sociedade, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, pela desagregação da família, pela falta de orientação por parte dos pais e, sobretudo, pela impunidade e pela liberação do uso de drogas a jovens e adultos. Sendo um dos principais motivos da violência escolar, além do tráfico de drogas (ilícitas ou não). Muitos alunos usam e comercializam drogas dentro e nas proximidades da escola, isso também atrai maus elementos para os arredores das instituições. Segundo pesquisa realizada pela União dos Diretores de Escola do Magistério Oficial

(UDEMO, 2000), 27% das escolas públicas pesquisadas relataram que alunos portavam e consumiam bebidas alcoólicas durante as aulas, 19% das escolas foram invadidas por estranhos, com objetivo de furto, roubo, estupro, tráfico, de drogas e 18% acusaram porte ilegal de armas, por parte dos alunos.

Adolescentes armados e drogados ocuparam um lugar de destaque no cenário da violência no bairro. Para estes, a educação formal cede lugar à cultura e à violência. Para os adolescentes e jovens delinquentes, a atração exercida pela escola é muito maior como ponto estratégico para a venda de drogas do que pelo seu papel social. Para a população, os lugares onde estão situados os principais equipamentos escolares converteram-se em territórios da violência, portanto temidos. (QUEIROZ, 2000/2001).

Com base nas afirmações de Teixeira (1981), a droga surge como uma necessidade dentro dos grupos, que são transgressores em essência. Em função do caráter de transgressão comum às gangues, muitos projetos se equivocam ao buscar a recuperação desses jovens através do trabalho. Eles se revoltam contra a condição de submissão e exclusão do grupo social ao qual pertencem e, portanto, sabem que as suas opções de trabalho são aviltantes. A escola é um ponto importante nessa tarefa de solucionar o problema da violência e delinquência de adolescente, jovens e, até mesmo de crianças, pois, como espaço privilegiado de convívio e de formação da pessoa, precisa ter qualidade e se integrar à comunidade a sua volta. Isso é comprovado nas estatísticas apresentadas nos indicadores sociais, que referem que as escolas que permanecem abertas nos finais de semana, para uso da comunidade, conseguem quase eliminar o vandalismo em suas dependências.

Nesse contexto, o professor precisa lutar em busca de mudanças, pois ele é, incondicionalmente, um agente de libertação e de transformação. É preciso constituir uma escola sem exclusão, sem elitismo, na qual todos se engajem e tenham voz e vez. Além de uma escola pública melhor e que envolve a comunidade, fazem parte da lista de ações recomendadas por quem estuda a violência uma polícia melhor equipada e um Poder Judiciário mais ágil e, se necessário, mais rigoroso.

Segundo Petrus (1997), a inadaptação social é devida à educação deficitária por parte da família ou pelo meio onde o jovem vive (bairro degradado, alcoolismo, droga e tráfico, prostituição, detenção familiar, violência doméstica, furtos, resolução de conflitos com recurso à agressão, precárias condições de vida) fazem com que os jovens adquiram condutas de acordo com o que vivenciam diariamente. São, portanto, jovens com ausência de referências positivas.

Um estudo realizado em 2001 por Matos e Carvalhosa baseado em inquéritos a 6903 alunos de escolas escolhidas aleatoriamente, com as idades médias de 11, 13 e 16 anos,

analisaram a violência na escola entre vítimas, provocadores (incitação na forma de insulto ou gozo de um aluno mais velho e mais forte do que o outro) e outros (similarmente vítimas e provocadores) demonstram os seguintes dados bastante curiosos:

- Mais de metade dos alunos inqueridos são do sexo feminino (53.0%);
- 25.7% dos jovens afirmaram terem estado envolvidos em comportamentos de violência, tanto como vítimas provocadores ou duplamente envolvidos;
- As vítimas de violência são majoritariamente masculinas (58.0%);
- Os inqueridos que se envolveram em comportamentos de violência em todas as suas formas situavam-se nos 13 anos de idade;
- Os jovens provocadores de violência são aqueles que têm hábitos de consumo de tabaco, álcool e mesmo de embriaguez. Também são os que experimentaram e consumiram drogas no mês anterior à realização do inquérito;
- Quanto às lutas, nos últimos meses anteriores ao inquérito, 19.08% dos jovens envolveram-se em comportamentos violentos;
- Os vitimados pela violência são os que andam com armas (navalha ou pistola) com o intuito da sua própria defesa;
- Os adolescentes que vêem televisão quatro horas ou mais por dia são os que estão mais frequentemente envolvidos em atos de violência;
- As vítimas e os agentes de violência não gostam de ir à escola, acham aborrecido ter que a frequentar e não se sentem seguros no espaço escolar;
- Para os atores de violência a comunicação com as figuras parentais é difícil;
- 6.05% das vítimas vivem em famílias monoparentais e 10.9% dos provocadores vive com famílias reconstruídas;
- Quanto aos professores, os alunos sujeitos e alvos de violência consideram que estes não os encorajam a expressar os seus pontos de vista, não os tratam com justiça, não os ajudam quando eles precisam e não se interessam por eles enquanto pessoas;
- Em relação ao relacionamento entre grupo de pares, estes adolescentes referem a pouca simpatia e préstimo e não-aceitação por parte dos colegas de turma, a dificuldade em obter novas amizades, ausência quase total de amigos íntimos.

Este estudo vem reforçar a relevância dos contextos sociais dos jovens, aparecendo bem focados como fatores desencadeadores de comportamentos violentos a desagregação familiar, a pouca ou inexistente atração pela escola, o grupo de amigos aliados à posse de armas, consumo de estupefacientes, álcool e tabaco e visionamento excessivo de televisão.

Os comportamentos violentos na escola têm uma intencionalidade lesiva. Podem ser exógenos, ou seja, determinados de fora para dentro, como acontece nos bairros degradados invadidos pela miséria e pela toxicodependência, onde agentes estranhos ao meio o invadem e destroem; pode tratar-se de violência contra a escola, em que alunos problema assumem um verdadeiro desafio à ordem e à hierarquia escolares, destruindo material e impondo um clima de desrespeito permanente; ou são simplesmente comportamentos violentos na escola, que ocorrem, sobretudo quando esta não organiza ambientes suficientemente tranquilos para a construção de valores característicos a este local. A violência pode ser desencadeada fruto de muitas situações de indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento mais agressivo.

Para combater a violência, a escola tem de analisar a forma como é exercido o seu controlo, tem que se organizar pedagogicamente, para conseguir deter a violência não só interior, mas também exterior.

A violência na escola é assunto antigo das conversas sobre educação. Em 2000, a UDEMO realizou uma pesquisa com quase 500 escolas públicas de todo o estado de São Paulo, 44% afirmaram que a violência aumentara em relação aos anos anteriores.

É importante ressaltar que a violência escolar não vem desacompanhada de outros fatores. Não é algo que surge e termina dentro da sala de aula. É apenas uma das facetas dos variados tipos de violência que acercam o jovem diariamente: a violência familiar, social, estatal, verbal, física, comportamental, entre tantas outras. O aluno influenciado por tipos de violência em casa ou na rua é meio de transporte para que esta violência adentre as escolas.

Para o professor, além de combater as causas, é de imediata importância também entender e tentar controlar suas conseqüências. Para isso, muitas possíveis soluções estão sendo apontadas a fim de que esse sério problema seja resolvido. Uma das ações que melhores resultados tem mostrado é a boa gestão da escola. Ou seja, a vontade dos diretores e dos professores de mudar o quadro depredado da escola.

Com base no que foi supramencionado, as questões específicas para investigação são:

- Qual a relação da violência nos jovens como inadaptação social?
- Quais os tipos de violência que os alunos das escolas públicas localizadas das quatro zonas mais o centro de campina Grande?
- Qual o papel da família em relação à educação escolar dos adolescentes?
- Qual a relação entre os alunos e a escola: adversários ou aliados?
- Quais as causas da violência nas escolas públicas?
- Como prevenir e corrigir a violência escolar?

- Qual o papel do educador social na prevenção da violência?

2.2. A Evolução Histórica do Papel Familiar sobre a Educação

Com a evolução dos tempos o conceito de família foi sofrendo algumas alterações, no Antigo Regime, Ariés (1988) afirma que de criança pequena se passava para adulto jovem, sem passar pelas etapas da juventude se tornando aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje. Ou seja, não existia os termos criança ou adolescente, a criança não tinha infância, era considerada um "adulto jovem".

Neste período, não era demonstrado nenhum tipo de afetividade em relação à criança, embora o amor fosse um sentimento presente na relação, a família não assegurava a educação da mesma, logo cedo as crianças se envolviam com os adultos em atos sociais tradicionais. Era deste modo que adquiriam conhecimentos e valores essenciais à sua formação.

Já na época do Estado Novo, a esposa era incumbida à responsabilidade pela educação dos filhos, auferindo dependência econômica quase total do marido. Aliás "o pai surge como o único angariador de sustento familiar (...) se ele desaparece, não há dinheiro para comprar o necessário" (ARIÉS, 1988). Com as alterações sociais pós 25 de Abril de 1974, a família sofreu grandes transformações, que já tinham sido encetadas noutros países já democratizados. Diminuiu o número de filhos por casal, o casamento tornou-se mais instável com um número crescente de divórcios, aumentando as famílias monoparentais e reconstruídas, as mulheres passaram a ter uma atividade profissional, estudarem até mais tarde, auferindo de independência econômica e relegando muitas vezes a maternidade para segundo plano.

Hoje, em família abordam-se temas que eram impensáveis no passado. Os pais já não são os senhores absolutos da lei e da ordem, nem os únicos cuidadores dos bens da família. Por seu turno, as mães não são unicamente as protetoras do lar e zeladoras da educação e formação dos filhos.

Em relatório para a Organização das Nações Unidas para a educação (UNESCO), a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, (1996), reforça que a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação, assegurando ainda, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas".

Todavia, devido às exigências atuais, os pais cedo colocam os filhos em amas, creches ou infantários. Chegam em casa exaustos de um dia de trabalho, tem ainda as labutas domésticas ou trazem trabalho para casa. A criança é colocada sozinha a ver televisão ou a brincar sem um adulto que lhe dê atenção. A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene e no descanso.

De crianças, as novas tecnologias seduzem permitindo a aquisição de novos saberes. Enquanto jovens, o lazer e o convívio com os colegas tem uma importância primordial no seu processo de socialização e formação. Pais (1996) refere que as culturas juvenis são fortemente voltadas para o lazer, de certa forma em oposição ao saber tradicional da escola e da família, que privilegia a ordem e a certeza, o ensino e a transmissão de conhecimentos e experiências entre pares.

Embora haja certa continuidade na transmissão de valores de pais para filhos, a verdade é que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos variados que a escola e a família poderão ou não integrar. Todavia, a família não se pode demitir do seu papel e atribuir responsabilidades aos outros agentes educativos na formação dos seus descendentes.

Em alguns casos, a violência, é uma herança que é passada do convívio diário dos pais com os filhos, pois muitas vezes a violência escolar se deve em parte a uma crise de autoridade familiar, onde os pais renunciam a impor disciplina aos filhos, remetendo-a para os professores, e em outros casos, os filhos vêem essa violência no seu cotidiano presenciando ou até mesmo sendo alvo de agressões de âmbito familiar. Desta forma, percebe-se, que família é fundamental na formação de qualquer indivíduo culturalmente, socialmente, como cidadão e como ser humano, portanto, se torna necessária a aproximação da família na vida escolar dos estudantes.

2.3. A Sociedade Perante a Violência Escolar

Os meios de comunicação audiovisual, não raras vezes retratam acontecimentos violentos protagonizados pelos alunos nas escolas. De fato, inverteram-se os papéis; os métodos violentos de alguns professores eram tradicionalmente mais frequentes no mundo escolar: castigo físico, humilhações verbais (...) (FERMOSO, 1998). Atualmente, os

professores não podem exercer qualquer tipo de castigo aos alunos sob pena de sofrerem sanções disciplinares.

Um estudo realizado por Matos *et al.* (2001), baseado em inquéritos a 6903 alunos de escolas escolhidas aleatoriamente, com as idades médias de 11, 13 e 16 anos, analisaram a violência na escola entre vítimas, provocadores (incitação na forma de insulto ou gozo de um aluno mais velho e mais forte do que o outro) e outros (similarmente vítimas e provocadores) demonstram os seguintes dados bastante curiosos:

- a) Mais de metade dos alunos inqueridos são do sexo feminino (53.0%);
- b) 25.7% dos jovens afirmaram terem estado envolvidos em comportamentos de violência, tanto como vitimas, provocadores ou duplamente envolvidos;
- c) As vítimas de violência são maioritariamente masculinas (58.0%);
- d) Os inqueridos que se envolveram em comportamentos de violência em todas as suas formas situavam-se nos 13 anos de idade;
- e) Os jovens provocadores de violência são aqueles que têm hábitos de consumo de tabaco, álcool e mesmo de embriaguez. Também são os que experimentaram e consumiram drogas no mês anterior à realização do inquérito;
- f) Quanto às lutas, nos últimos meses anteriores ao inquérito, 19.08% dos jovens envolveram-se em comportamentos violentos;
- g) Os vitimados pela violência são os que andam com armas (navalha ou pistola) com o intuito da sua própria defesa;
- h) Os adolescentes que vêem televisão quatro horas ou mais por dia são os que estão mais frequentemente envolvidos em atos de violência;
- i) As vítimas e os agentes de violência não gostam de ir à escola, acham aborrecido ter que a frequentar e não se sentem seguros no espaço escolar;
- j) Para os atores de violência a comunicação com as figuras parentais é difícil;
- k) 16.05% das vítimas vivem em famílias monoparentais e 10.9% dos provocadores vivem com famílias reconstruídas;

Quanto aos professores, os alunos sujeitos e alvos de violência consideram que estes não os encorajam a expressar os seus pontos de vista, não os tratam com justiça, não os ajudam quando eles precisam e não se interessam por eles enquanto pessoas. Em relação ao relacionamento entre grupo de pares, estes adolescentes referem a pouca simpatia e préstimo e não-aceitação por parte dos colegas de turma, a dificuldade em obter novas amizades, ausência quase total de amigos íntimos.

Os comportamentos violentos na escola tem uma intencionalidade lesiva. Podem ser exógenos, ou seja, determinados de fora para dentro, como acontece nos bairros degradados invadidos pela miséria e pela toxicodependência, onde agentes estranhos ao meio o invadem e destroem; pode tratar-se de violência contra a escola, em que alunos problema assumem um verdadeiro desafio à ordem e à hierarquia escolares, destruindo material e impondo um clima de desrespeito permanente; ou são simplesmente comportamentos violentos na escola, que ocorrem, sobretudo quando esta não organiza ambientes suficientemente tranquilos para a construção de valores característicos a este local. A violência pode ser desencadeada fruto de muitas situações de indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento mais agressivo.

Para combater a violência, a escola tem de analisar a forma como é exercido o seu controle, tem que se organizar pedagogicamente, para conseguir deter a violência não só interior, mas também exterior.

De acordo com Ferreira (2004), o termo violência é "qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação". Neste sentido, a violência significa obrigar a fazer algo, utilizando a força, a coagir alguém.

Vários autores tem tentado explicar as causas deste fenómeno. Freud (1987) é da opinião que o ser humano tem uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta. Ainda de acordo com Freud (op. cit) alude ao fato de o equilíbrio interno ser perturbado, da personalidade, do meio onde se inserem. Estudos realizados a delinquentes comprovaram que graves distúrbios da socialização acontecem quando a identificação com os pais é desintegrada através de separações, rejeições e outras interferências com os vínculos emocionais existentes entre a criança e as figuras parentais. Reforça ainda que o cidadão normal, perante a lei, perpetua a posição infantil de uma criança ignorante e complacente, em face aos seus pais oniscientes e onipotentes. O delinquente perpetua a atitude da criança que ignora ou menospreza, ou desobedece à autoridade parental e atua em desafio desta.

As crianças assistem a desenhos animados televisivos nas quais as personagens utilizam a violência para conseguir os seus intentos, por vezes são atos nobres tais como salvar um amigo em perigo ou para salvar o planeta. O poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças formam uma cumplicidade que pode atuar perigosamente na formação cognitiva destas. Neste sentido, Pino (1998) é da opinião que para estas crianças

a violência é "algo normal", utilizam-na como "arma quando consideram que ela é eficaz para conseguir os seus propósitos".

Qualquer indivíduo é passível de exercer atos de violência, uma vez registrada uma ruptura com a normalidade. A violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polémica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o cônjuge ou com os descendentes.

No fundo, os atos violentos estão sustentados por valores, crenças, sobre o bom e o mau de uma ação que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção.

2.4. Causas da Violência nas Escolas Públicas

As causas da violência são inúmeras, não sendo fácil fazer uma inventariação de todas. Não existem dados estatísticos concretos acerca do número de jovens atores e alvos de violência, no entanto, o Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta uma tabela onde são detectadas as problemáticas em crianças e jovens, bem como as medidas tutelares aplicadas em processos concluídos em 2001.

No ano de 1998 foram acompanhados crianças e jovens em risco num total de 2.979 indivíduos. Todavia, em 2001 o total de crianças e jovens adolescentes era de 9.504, ou seja, quase que quadruplicou. São ainda apontadas como situações de risco: abandono, negligência, abandono escolar, absentismo escolar, maus tratos, abuso sexual, trabalho infantil, exercício abusivo de autoridade por parte dos pais e outras situações de risco. Como condutas desviantes observadas nos menores, são enumeradas a prática de atos qualificados como crime, uso de estupefacientes e ingestão de bebidas alcoólicas e outras condutas desviantes. De referir que os números destas situações de perigo foram aumentando de 1998 até 2001 (*op cit.*).

Judicialmente, são descritas as medidas tutelares aplicadas em processos finalizados nos anos citados. Em 1998 as medidas foram num total de 1.619, contrariamente no ano de 1999 em que o número ascendeu às 3.701 medidas, observando-se, contudo um decréscimo nos anos subsequentes. Convém ainda sublinhar que a medida tutelar mais aplicada nestes quatro anos foi a de acompanhamento educacional, social, médico e psicológico.

São apontadas como causas da violência:

- a) **A família:** É neste núcleo que as crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicod dependência, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Normalmente, os indivíduos que vivem estas problemáticas familiares são sujeitos e alvos de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes acusam os professores de não “domesticar” os seus filhos, instigando a agressividade e, em extrema instância tornam-se eles mesmos violentos, agredindo os professores e funcionários;
- b) **Os alunos:** Muitas vezes a raiz do problema não se centra na educação. O jovem apresenta problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente, para a proteção social ou até judicialmente. O cerne da questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e que não são da sua competência. Na verdade, todos os alunos são potencialmente violentos, sendo a escola sentida como uma imposição por parte da família ou do Estado. Porque os alunos estão contrafeitos, as aulas são para eles locais de constrangimento e de repressão de desejos. Alguns alunos conformam-se e conseguem permanecer na escola sem fazerem grandes distúrbios. Outros se revoltam, colocando em causa as normas estabelecidas, a autoridade e insurgem-se contra os professores e colegas como ato de poder e robustez física.
- c) **Os grupos e turmas:** Enquanto conjunto estruturado de indivíduos, tem importância nos processos de socialização e de aprendizagem nos jovens. Influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Em certas manifestações públicas de violência, os jovens procuram obter segurança, respeito e prestígio pela restante comunidade escolar. Numa sociedade onde os grupos familiares estão cada vez mais desagregados, este vazio é preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações diversas.
- d) **A escola:** No passado, e ainda hoje se registra, alunos com menos capacidades intelectuais são estigmatizados, esquecidos no fundo das salas de aula. Ao fazê-lo, criam focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentem marginalizados. A escola de hoje, que se auto-intitula de inclusiva, não o é de fato.

A este propósito a UNESCO (1996) aconselha os "sistemas educativos" a não conduzirem, "por si mesmos, a situações de exclusão. O princípio de emulação, propício em certos casos, ao desenvolvimento intelectual pode (...) ser pervertido e traduzir-se numa prática excessivamente seletiva, baseada nos resultados escolares. Então, o insucesso escolar surge como irreversível, e dá origem, frequentemente, à marginalização e exclusão sociais."

Na realidade as escolas não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais, designadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação dos alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas, tornou-se uma fonte de conflitos e não raramente terminam em situações de descontentamento e de agressividade. As associações de pais, quando funcionam, encaram muitos dos professores como incompetentes que aproveitam todas as ocasiões para se furtarem às aulas e recorrerem à baixa por doença, para não terem que enfrentar os alunos e os problemas daí adjacentes.

OS PROBLEMAS DE INADAPTAÇÃO SOCIAL: prevenção e correção

3.1. A Violência nos Jovens como Resultado dos Problemas de Inadaptação Social

Um violento só é de fato um problema se a maioria da sociedade o considerar que o é, ou seja, se for tipificado e reconhecido como tal. A violência é na sua maior parte protagonizada pelos jovens, que se agrupam, formando sub-culturas, habitualmente no seio do tecido urbano, adquirindo formas de vestir, agir ou pensar muito características. Os hippies, os rockers, os skinheades, entre outros são exemplos bem conhecidos de grupos inadaptados aos padrões da sociedade.

Na cultura juvenil pode-se observar características muito comuns, tais como (GOENAGA, 1998):

- a) A busca de identidade, procurando diferenças contrárias à geração antecedente.
- b) O questionar das idéias nas quais a sociedade se fundamenta na anuência das normas;
- c) Os jovens possuem uma série de capacidades e de ideais para criar e canalizar pensamentos inovadores que fazem mudar a ordem da realidade já existente;
- d) Os jovens são os grandes consumidores dos meios informáticos e audiovisuais, sobretudo Internet, jogos por computador, televisão e música. A televisão é um dos meios que mais violência difunde e a criança ou jovem é o sujeito passivo que mais a consome. Muitas crianças vêem televisão e jogam jogos de caráter lúdico duvidoso, sem qualquer supervisão das figuras parentais. Constroem as suas personalidades de acordo com o que observam, com uma total ausência de discernimento do que é certo ou errado;
- e) A carência de bens mínimos como um trabalho, habitação, serviços sociais básicos, nomeadamente a quebra das redes de suporte familiar, sua desagregação ausência de valores essenciais dentro e fora da família, o meio onde vivem, a escola que não exerce qualquer tipo de motivação, leva a que determinados indivíduos ou grupos cultivem a agressividade face à sociedade que gerou ou proporcionou déficits tão profundos e que fazem parte das suas vivências quotidianas.

A inadaptação social é devida à educação deficitária por parte da família ou pelo meio onde o jovem vive (bairro degradado, alcoolismo, droga e tráfico, prostituição, detenção

familiar, violência doméstica, furtos, resolução de conflitos com recurso à agressão, precárias condições de vida) fazem com que os jovens adquiram condutas de acordo com o que vivenciam diariamente. São, portanto, jovens com ausência de referências positivas.

Petrus (1997) refere que o conceito de inadaptação social é ambíguo e está amplamente ligado à educação social, na medida em que em sentido lato, esta está ligada à intervenção educativa em âmbitos de marginalização e inadaptação sociais.

3.2. Prevenção da violência Escolar

A violência surge em contextos e em situações bem conhecidos. Torna-se imperiosa uma intervenção educativa, não só dirigida aos jovens, mas a todos os cidadãos, pois todos, enquanto sociedades globais são culpados e deveremos ser chamados a intervir para contribuirmos para uma sociedade mais justa e igualitária. De acordo com Goenaga (1998), a violência afigura ser uma rede complexa que se pode sobrevir a partir da educação. Esta é importante, pois ensina a criança a adquirir determinados valores tais como a compaixão e a dor alheia, bem como valorizar a vida não só a sua como a dos outros. Já Rousseau (2002) afirmava que os homens não nascem naturalmente maus, a sociedade é que os transforma. De fato, nenhum ser humano nasce violento, ou criminoso, o seu destino não está traçado após a nascença, os seus comportamentos são frutos do ambiente a que são expostos.

Numa sociedade tecnológica, consumista e competitiva, que valoriza a aquisição de bens de qualquer forma, que só dá oportunidades aqueles que já possuem algo, o comportamento desses jovens poderá ser considerado como adaptativo. De fato, estes jovens não tem muitas opções, pois o meio onde se inserem, fornece-lhes a aprendizagem necessária para sobreviverem à sua maneira e assumirem atitudes que são observadas nos bairros onde vivem.

É imperioso mudar o enfoque sobre a questão da marginalidade, e, conseqüentemente, sobre os direitos humanos. As medidas tutelares educativas só deverão ser tomadas se outras ações preventivas tiverem sido já executadas e tiverem falido. A solução última não passa somente pela colocação desses jovens em famílias de acolhimento ou lares, esperando que o sistema mude por si. Não adianta tratar um sintoma sem primeiramente investigar a sua causa. É muito fácil rotular os atores de violência de desequilibrados, de maus, de desestruturados e não fazer nada para alterar estes comportamentos.

Vários modelos de intervenção educativa foram aplicados de acordo com o grupo e o meio social envolvente, sendo este é um campo de ação dos educadores sociais e por essa razão enumera alguns aspectos que se prendem com o ato de educar como sejam os programas baseados no modelo de conhecimento e de conduta; programas de ações interventivas em relação ao meio (informação e formação sanitária, cívica e segurança); programa de educação para a saúde, para a paz, para a convivência, e o programa mais determinante seria a terapia grupal, onde famílias desajustadas poderiam conjuntamente desenvolver projetos de realização pessoal, familiar e mesmo de bairro por ordem a combater os problemas existentes. Nestes programas também estaria a escola, que concomitantemente com a família e as equipas de intervenção lutariam neste trabalho educativo com coerência e contundência. Uma parceria eficaz, desejável, mas talvez utópica.

As equipas de intervenção e as autarquias deveriam fomentar a participação efetiva dos cidadãos como protagonistas do seu próprio bairro, ou seja, cidadãos ativos e implicados no seu próprio desenvolvimento. Porém, a realidade é que as equipas são constituídas por um número de técnicos insuficientes, que têm a seu cargo inúmeros processos de famílias problemáticas, tentando resolver os problemas com medidas paliativas, que a médio e longo prazo não vão surtir efeitos positivos. A título de exemplo, o Rendimento Mínimo de Inserção (anteriormente designado de Rendimento Mínimo Garantido) constitui uma medida paliativa, levando os cidadãos a uma subsídio-dependência, quando este tinha inicialmente pressupostos louváveis com vista à inserção na vida ativa, através da formação e trabalho.

O educador social é um profissional que pode agir e interatuar na prevenção e resolução dos problemas de violência. Como "profissional híbrido" (FERMOSO, 1998), pode atuar de diferentes formas, designadamente com a família, com as crianças ou jovens, no meio onde acontecem focos de violência e mesmo na escola como elemento mediador.

Apesar de haver discursos divergentes acerca do âmbito de intervenção poder ser formal, informal ou não formal, Petrus (1997) diz simplesmente que "a educação social não deve ter, entre as suas competências, a responsabilidade da atividade escolar". De fato, a transmissão de conhecimentos e conteúdos programáticos compete aos docentes e não aos educadores sociais. Na opinião de Fermoso (1998), a intervenção poderá ser ao nível da prevenção primária e secundária, centrando-se a "educação preventiva primária" em campanhas de sensibilização contra a conduta violenta na escola, realizadas nas escolas, casas da juventude, ou mesmo nos meios de comunicação social, formação de professores, pais e educadores, a "educação preventiva secundária" seria realizar atividades de educação não formal individualizadas, auxílio pedagógico a alunos com condutas violentas, intervenção

direta na resolução de conflitos, ajuda aos pais que têm filhos com condutas violentas, orientando-os na resolução de tais problemas.

O campo de ação do educador social são os setores sociais em desequilíbrio (...) além de solucionar determinados problemas próprios da inadaptação, tem duas funções não menos importantes: a primeira, desenvolver e promover a qualidade de vida de todos os cidadãos; a segunda, adotar e aplicar estratégias de prevenção das causas dos desequilíbrios sociais. Noutras palavras, apesar das relações entre educação social e marginalização serem evidentes, com a marginalização não se esgota o âmbito da educação social. (PETRUS, 1997).

De fato, a tarefa do educador é prevenir e intervir em situações de desvio ou risco em qualquer franja mais debilitada da sociedade, de forma a criar mudanças qualitativas. Deverá exercer intencionalmente influências positivas nos indivíduos. A educação social atua concomitantemente com outros trabalhadores sociais de modo interdisciplinar na proteção e promoção sociais.

O educador social perante jovens inadaptados socialmente terá primeiramente que fazer um diagnóstico do problema para posteriormente atuar. Este trabalho terá que ser concertado com a escola e com outros trabalhadores sociais, nunca poderá ser um trabalho solitário.

Após o diagnóstico, a solução deverá centrar-se na intervenção e na erradicação da violência na comunidade onde se inserem os jovens, Pino, (1998), especialmente: " (...) Detectar mecanismos que possam desencadear num processo de marginalização, pobreza ou desenraizamento social e atuar"; englobar "todos os implicados na comunidade (instituições, amigos, famílias" no projeto de erradicação da violência.

Assim uma proposta válida de ação contra a violência, tem como base a promoção da auto-valorização, auto-estima e auto-realização individual de cada um. Entendo que, quando os alunos são orientados a compreender e aceitar suas particularidades, aprendem também a respeitar tanto as suas limitações como também as suas potencialidades como as dos demais com quem se relacionam. Ao mesmo tempo, fica mais fácil assumir e potencializar qualidades, talentos e habilidades, dando-lhes valor e oportunidade de expressão.

Desta forma, a criação de uma rádio escolar, de um grupo de dança, de uma banda de rock, de teatro, ou de uma torcida organizada pode servir à revelação de identidades e potencialidades escondidas, por medos, inseguranças e tabus, efetuando-se como empoderamento de cada um, na direção de sua carência de poder. Na linha do empoderamento trabalha-se tanto na "maximização" de sua potencialidade, cidadania, como na "redução" de suas vulnerabilidades (medos, preconceitos e traumas).

Oportunizando a participação dos alunos ativamente das deliberações que pautam sobre a segurança na escola (na facilitação ou restrição do livre acesso de estranhos ao espaço físico da escola) pode ser fundamental na sua formação de cidadãos responsáveis. Além é claro de, pedagogicamente, fortalecer seus laços com os diferentes segmentos da escola, sobretudo professores, funcionários e direção.

Além de servir ao objetivo imediato, essas iniciativas acabam beneficiando extensivamente a aceitação e cumprimento de regras, bem como a democratização dos poderes na escola; fazendo a mesma efetivamente funcionar como uma coletividade, ao passo que toma decisões como um órgão colegiado, em respeito às demandas e necessidades apresentadas.

A mudança desse contexto relacional requer uma abordagem – junto não só a alunos, mas também a professores (capacitados para acompanhá-los, apoiá-los) – voltada a desenvolver resistências, auto-ajuda, ativismo individual, a partir do fortalecimento da auto-estima e do poder pessoal, numa expressa recusa a toda a forma de violência. Contudo, para que crianças e adolescentes “entrem no jogo” da não-violência, é preciso que antes nós, adultos e educadores, façamos uma revisão de nossa própria conduta e cultura de educação, ultrapassando sua herança reguladora, tuteladora e hierárquica. Renovar a escola e suas relações internas na direção da paz e da cidadania (direito de ser diferente e ser respeitado como tal) é uma prática que tem de ser exemplificada, demonstrada. Tudo começa com o ato corajoso de nossa própria adesão, engajamento e protagonismo.

3.3. Métodos para a Correção da Violência nas Escolas Públicas

A violência é um pesadelo em muitos dos estabelecimentos escolares; com professores, funcionários e alunos sujeitos a este tormento que alastra de uma forma assustadora. Professores que acorrem a psiquiatras com esgotamentos, funcionários sujeitos a terríveis humilhações, alunos que abandonam a escola, que andam tristes e que sofrem em silêncio.

A escola pública não pode ficar alheada a tantas agressões sistemáticas que se multiplicam, devendo adotar estratégias para que não se repitam casos semelhantes, defendendo as crianças destas barbaridades que não podem acontecer, muito menos numa casa onde se formam os homens e mulheres do futuro.

O tempo de “correção” da violência com o terror já passou e, de fato, nunca funcionou, culminando por gerar mais violência. O tempo agora é de superação da violência, empregando caminhos sedutores que apostem na complementação da lacuna de poder, coragem e respeito, buscada nas drogas, na ameaça verbal, na agressão física.

E algumas destas estratégias para uma práxis cidadã, certamente, pode ser o de seguir alguns procedimentos de gestão participativa como, por exemplo, o de ouvir todos os segmentos envolvidos na comunidade escolar, em especial, os alunos.

Explicitar as contradições existentes na escola e trabalhar as contradições internas da escola para que, em quarto momento, possa propor melhorias para as relações humanas. Um quinto procedimento é o de organizar comissões para aprofundar as discussões sobre violência e sobre a segurança possível na escola, no bairro, na cidade. E, por fim, duas ações são fundamentais para uma escola com menos violência e mais cidadania: os gestores devem abrir as escolas para dentro e para fora, inclusive aos finais de semana, e fazer funcionar, sem medo, e efetivamente, as estruturas democráticas das escolas.

Outra interessante atividade é o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem a partir da leitura de temas universais e clássicos da literatura. Vale destacar que trabalham com obras literárias que trazem em suas histórias temas universais, com que o jovem pode se identificar, ampliando seu repertório cultural e relacionando suas experiências com relatos que sobrevivem ao tempo.

A participação voluntária do jovem é peça-chave para a construção de sua cidadania, e sua contribuição na melhoria das condições do espaço escolar. As atividades culturais também têm lugar na missão da Fundação. São elas que auxiliam no aprendizado do jovem e ampliar seu universo de referência cultural a partir das obras lidas, além de organizar atividades e passeios culturais, incluindo visitas a bibliotecas, parques e teatros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização Geográfica das Escolas Pesquisadas

A análise, através do critério da amostragem, evidencia a quantidade de alunos que são agredidos nas escolas públicas, desta forma, foram entrevistados, um total de 166 alunos distribuídos na 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio do turno da manhã, de quatro escolas da cidade de Campina Grande – PB (Figura 1), sendo uma escola para cada zona geográfica da cidade.

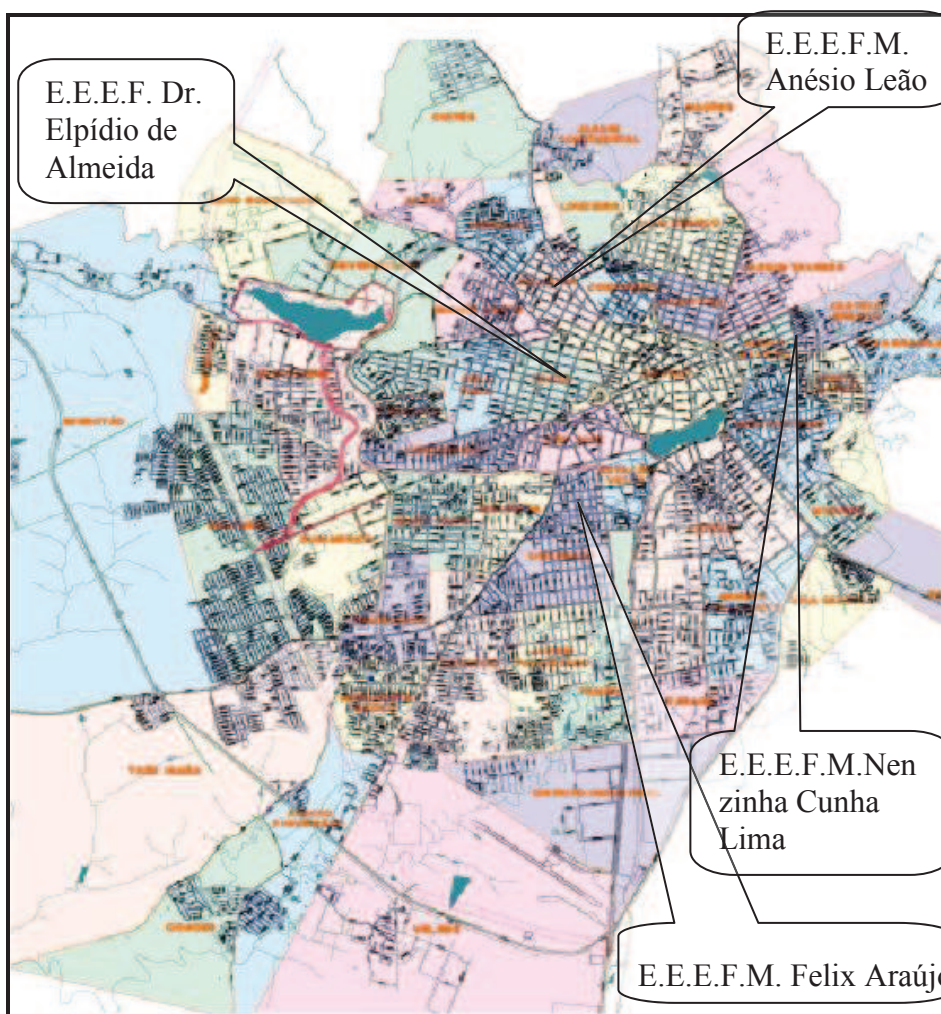


Figura 1 – Mapa de Campina Grande – PB com a localização das escolas analisadas.
Fonte: Seplan. 1999. Data de acesso: 10 mai. 2011.

As seguintes Instituições públicas escolares foram analisadas da seguinte forma:

- **Zona Norte:** Abrange os bairros do Alto Branco, Araxá, Bairro das Nações, Conceição, Jardim Continental, Jardim Tavares, Jeremias, Jenipapo (Campina Grande/Lagoa Seca), Lauritzen, Louzeiro, Monte Santo, Novo Bodocongó, Palmeira, Vale dos Poetas (Campina Grande/Lagoa Seca).

Na Zona Norte a escola escolhida foi a E.E.E.F.M. Anésio Leão (Figura 2), Rua 15 De Novembro, s/n Palmeira, nesta escola foram entrevistados 42 alunos, sendo que quinze alunos no 1º ano, dezoito alunos no 2º ano e nove alunos no 3º ano do ensino médio do turno da manhã.



Figura 2 – Fachada da E.E.E.F.M. Anésio Leão
Pesquisa de campo. Fev. 2011.

- **Zona Sul:** Possui os bairros, Acácio Figueiredo (também conhecido por Catingueira), Bairro das Cidades, Catolé, Catolé de Zé Ferreira, Cruzeiro, Distrito Industrial, Distrito dos Mecânicos, Estação Velha, Itararé, Jardim Borborema, Jardim Paulistano, Jardim Vitória, Liberdade, Presidente Médici, Ressurreição (I e II), Sandra Cavalcante, Serra da Borborema(Campina Grande/Queimadas), São José, Tambor, Três Irmãs, Velame, Vila Cabral.

Nesta região a escola escolhida foi a E.E.E.F.M. Félix Araújo (Figura 3), localizada na Rua Severino Pimentel, s/n Liberdade, nesta instituição foram

entrevistados 36 alunos, dos quais onze frequentavam o 1º ano, dez alunos o 2º ano, e quinze o 3º ano do ensino médio do turno da manhã.



Figura 3 – Fachada da E.E.E.F.M. Felix Araújo
Pesquisa de campo. Fev. 2011.

- **Zona Leste:** A Região Leste de Campina Grande é composta por bairros como Castelo Branco, Glória, José Pinheiro, Mirante, Monte Castelo, Nova Brasília, Santa Terezinha, Santo Antônio, Jardim Europa, Jardim América, Jardim Atalaia, Jardim Menezes, Vila Cabral (Campina Grande), Belo Monte (Campina Grande).

Na Zona Leste a escola pesquisada foi a E.E.E.F.M. Nenzinha Cunha Lima (Figura 4), Rua Fernandes Vieira, s/n José Pinheiro, esta escola obteve o maior número de alunos frequentando regularmente, onde foram entrevistados cinquenta e sete alunos, os quais estavam distribuídos da seguinte forma: vinte e três no 1º ano, quinze no 2º ano e dezenove no 3º ano do ensino médio



Figura 4 – Fachada da E.E.E.F.M. Nenzinha Cunha lima.
Pesquisa de Campo. Fev 2011.

- **Zona Oeste:** Esta região conta com os Bairros da Bela Vista, Bodocongó, Centenário, Colina das Manções, Dinamérica, Jardim Verdejante, Malvinas, Mutirão do Serrotão, Novo Bodocongó, Pedregal, Prata, Jardim Quarenta, Ramadinha (I, II e III), Santa Cruz, Santa Rosa, Serrotão, Sítio Lucas, Sítio Estreito, Universitário, Velame (Campina Grande).

Na Zona Oeste a escola escolhida para pesquisa é a maior da cidade e a mais conhecida, E.E.E.M. Dr. Elpídio de Almeida (Figura 5), na Rua Duque de Caxias s/n Prata, nesta escola foram analisados apenas 31 alunos, estando eles distribuídos da seguinte forma: nove no 1º ano, onze no 2º ano e onze no 3º ano do ensino médio.



Figura 5 – Entrada da E.E.E.M Dº Elpídio de Almeida.
Pesquisa de Campo. Fev. 2011.

4.2. Análise e Interpretação dos Dados

Foram analisados 166 questionários de alunos pertencentes a quatro escolas distintas, distribuídas pelas quatro Zonas Geográficas de Campina Grande – PB, sendo que destes 166 entrevistados, 53 admitiram terem sido agredidos no entorno da escola ou na parte interna do prédio, 31 admitiram ter agredido de forma física, verbal ou psicológica um professor ou aluno, e 31 admitiram sofrer de violência doméstica.

Os gráficos 1, 2, 3 e 4, apresentam melhor a distribuição percentual por escola dos dados coletados:

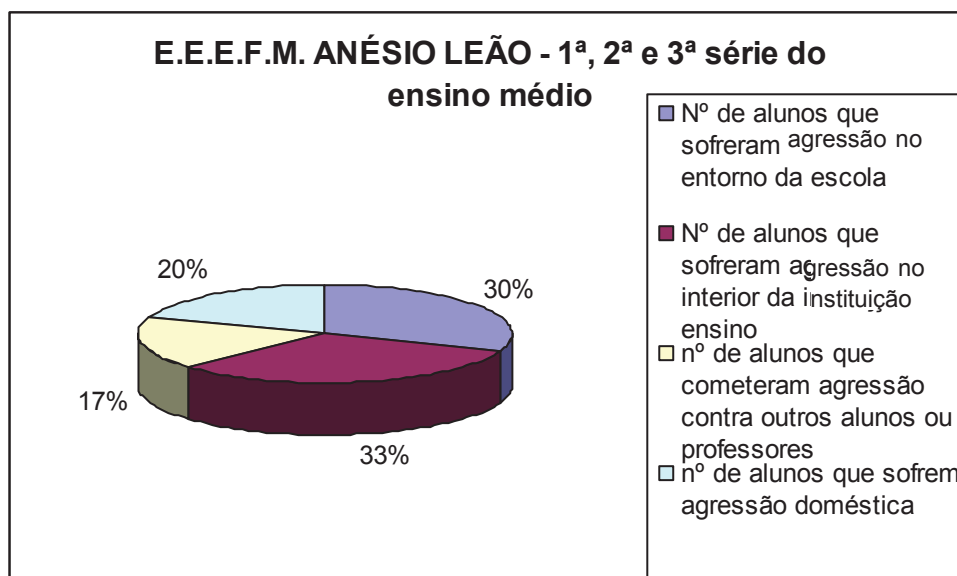


Gráfico 1: Prevalência de alunos, da Escola Anésio Leão em Campina Grande – PB, que agrediram ou já foram agredidos no ano de 2010, nesta escola 42 alunos foram entrevistados, sendo 15 pertencentes a 1^a série; 18 a 2^a e 9 pertencentes a 3^a série do ensino médio.

Fonte: Pesquisa de campo. Set. 2010.

Na Escola Anésio Leão, entre as turmas de 1^o, 2^o e 3^o séries do ensino médio, o número de alunos que sofreram agressão, no entorno da escola corresponde a 30%, no interior da escola 33%, quando questionados sobre a agressão a professores e outros alunos esse número é de 17% e 20% sofrem de agressão doméstica.

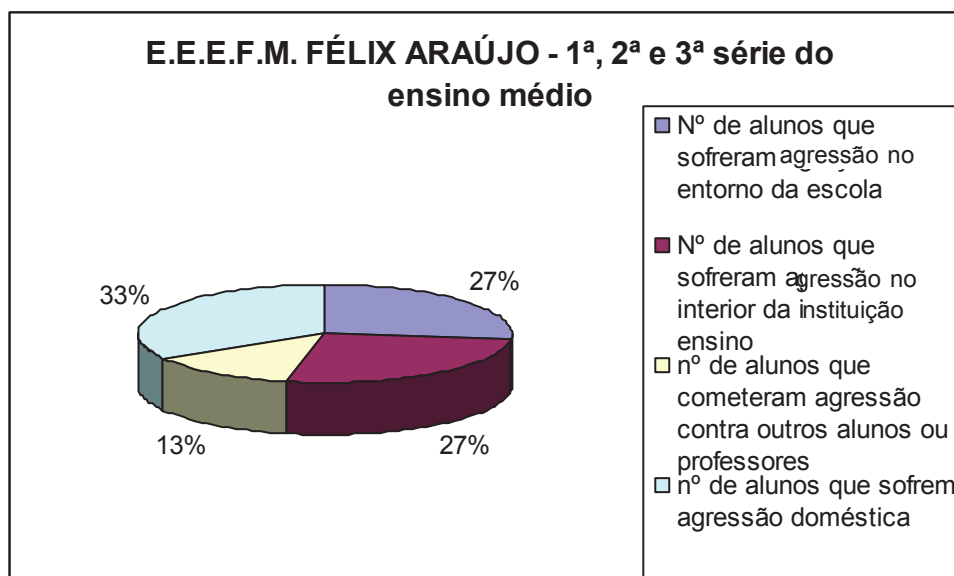


Gráfico 2: Prevalência de alunos, da Escola Félix Araújo, em Campina Grande – PB, que agrediram ou já foram agredidos no ano de 2010, nesta escola foram pesquisados 36 alunos, sendo estes divididos da seguinte forma: 11 alunos na 1^a série, 10 na 2^a série e 15 na 3^a série do ensino médio.

Fonte: Pesquisa de campo. Set. 2010.

Na Escola Félix Araújo, entre os alunos das turmas de 1^o, 2^o e 3^o séries do ensino médio, o número de alunos que sofreram agressão, nas proximidades da escola e também no interior da instituição corresponde a 27% cada, em relação a agressão contra professores e outros alunos esse número decai para 13% e sendo que 33% sofrem de agressão doméstica.

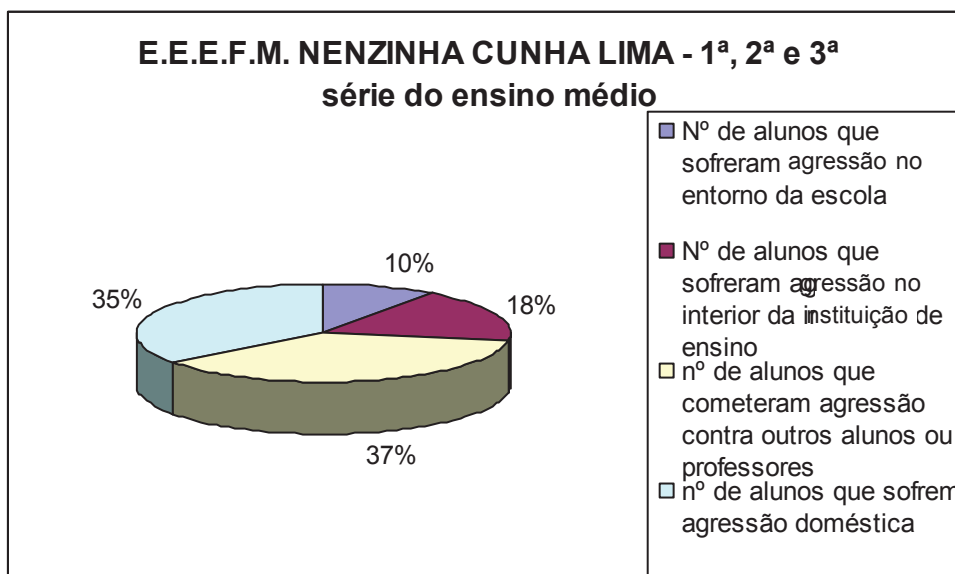


Gráfico 3: Prevalência de alunos, da Escola Nenzinha Cunha Lima, em Campina Grande – PB, que agrediram ou já foram agredidos no ano de 2010, nesta escola foram entrevistados 57 alunos, entre os quais 23 eram da 1^a série, 15 da 2^a série e 19 eram da 3^a série do ensino médio.

Fonte: Pesquisa de campo. Set. 2010.

Na Escola Nenzinha Cunha Lima, entre as turmas de 1^o, 2^o e 3^o séries do ensino médio, o número de alunos que sofreram agressão, no entorno da escola corresponde a 10%, no interior da escola 18%, quando questionados sobre a agressão a professores e outros alunos esse número é de sobre para 37% e 35% sofrem de agressão doméstica.

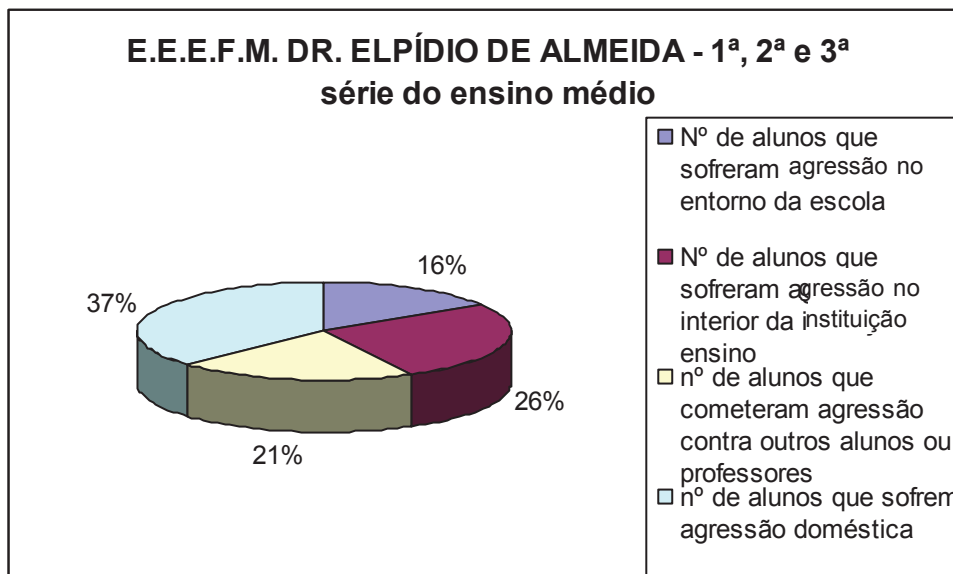


Gráfico 4: Prevalência de alunos, da Escola Elpídio de Almeida, em Campina Grande – PB, que agrediram ou já foram agredidos no ano de 2010, nesta escola foram entrevistados 30 alunos dentre os quais 9 eram da 1^a série, 10 era da 2^a e 11 eram da 3^a série do ensino médio.

Fonte: Pesquisa de campo. Set. 2010.

Na Escola Dr. Elpídio de Almeida, entre as turmas de 1^o, 2^o e 3^o séries do ensino médio, o número de alunos que sofreram agressão, no entorno da escola corresponde a 16%, no interior da escola 26%, quando questionados sobre a agressão a professores e outros alunos esse número é de 21% e 37% sofrem de agressão doméstica.

Após a comparação dos gráficos 1, 2, 3 e 4, pode-se constatar que em relação a porcentagem de alunos que foram agredidos no entorno da escola e também os que sofreram violência no interior das instituições estudadas, essa é bem mais elevada na Escola Anésio Leão, seguida pelas escolas Félix Araújo, Dr. Elpídio de Almeida e Nezinha Cunha Lima. Quanto a questão das agressões cometidas contra outros aluno e professores, a Escola Nezinha Cunha Lima vem em primeiro lugar, seguida pelas escolas Dr. Elpídio de Almeida, Anésio Leão, e Félix Araújo. Em relação à última questão, que aborda os que sofrem violência doméstica, a escola Dr. Elpídio de Almeida tem o maior número de alunos, seguida das demais.

4.2.1. Os Tipos de Violência do Cotidiano Escolar

A violência é a transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade, sendo vista como um atentado contra pessoas, cuja vida começa a correr perigo a partir da ação de outros indivíduos, nesse sentido Silva (2002), se expressa: entendemos a violência, enquanto ausência e desrespeito aos direitos do outro.

Ainda de acordo com Silva (*op. cit*), para o corpo discente violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas. Enquanto que para o corpo docente a violência (...) é o descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão.

Segundo Colombier (1989), a violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles, a criança reflete na escola as frustrações do seu dia-a-dia.

Neste contexto é destacado os seguintes tipos de violência praticados dentro da escola.

- a) Violência física: brigar, bater, matar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, neguinho sangrando, ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das gangues (ABRAMOVAY, 1999);
- b) Violência doméstica: é a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente;
- c) Violência Psicológica: é a violência que a escola ou outros alunos exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir (ABRAMOVAY, *op. cit*).

4.2.3. Os fatores que levam os jovens a praticar atos violentos

A desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos. A situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, assim, a pobreza seria geradora de personalidades disruptivas. A partir desse (...) de estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidades de trabalho,

estudo e consumo, porque além de serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio (...) (ABRAMOVAY, op. cit). A influência de grupos de referência de valores, crenças e formas de comportamento seria também uma motivação do jovem para cometer crimes.

Segundo Zaluar (1992), é dentro das gangues ou das quadrilhas que os jovens provam sua audácia, desafiam o medo da morte e da prisão. O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, de bebidas alcoólicas, da arma de fogo aliada a inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo.

A partir do exposto, serão analisadas os tipos de violências sofridas ou que os jovens entrevistados cometem nas escolas contra os professores ou outros alunos:

- Na Escola Anésio Leão, 10 alunos sofreram agressões no ano de 2010, sendo destas 9 verbais e 1 psicológica, e apenas 2 alunos praticaram agressões, sendo estas verbais contra professores e alunos;
- Na Escola Félix Araújo, 7 alunos sofreram agressões no ano 2010, sendo destas 6 verbais e 1 psicológica, e apenas 2 alunos agrediram, sendo 2 delas verbais contra professor e aluno respectivamente, e uma psicológica contra professor;
- Na Escola Nenzinha Cunha Lima, 7 alunos sofreram agressões no ano de 2010, sendo destas 5 verbais, 1 psicológica e 1 física, e 13 alunos agrediram, sendo 7 verbais contra o alunos, 3 verbais contra professores, 1 psicológica contra aluno e 3 físicas contra alunos;
- Na Escola Elpídio de Almeida, 5 alunos sofreram agressões no ano de 2010, sendo destas 3 verbais, 2 físicas; e 4 alunos agrediram, sendo todas verbais contra alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade tem sofrido significativas transformações. A família, núcleo primordial de educação tem vindo dissimuladamente a delegar esse papel para a escola, dado que é no contexto educativo que as crianças passam a maior parte do dia. Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança tais como: a democracia, as regras para a sã convivência, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

À escola não se pode pedir que além de ensinar os conteúdos programáticos exigidos pelo Ministério da Educação, tenha também a função educativa que compete aos pais. No meio de tudo isto, a verdade é que a violência continua a existir cada vez mais na população jovem. A escola não pode ignorar que os conflitos e problemas sociais existem, e por isso tem vindo a adaptar-se como pode. E é precisamente na escola que as crianças imitem comportamentos que diariamente observam. Meios onde proliferam os maus tratos físicos e psicológicos, onde as privações, a promiscuidade, a baixa escolarização, a pobreza andam equiparadas.

Neste campo, urge uma intervenção conjunta realmente eficaz, fornecendo à população em risco modelos de conduta adequados ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral de todos os implicados. Nós, sociedade democrática, somos responsáveis pelas consequências educativas das suas ações. Terá que haver um esforço financeiro governamental, não só económico, mas também a nível de recursos humanos para que programas de combate à violência e exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham bons resultados. Não se pode deixar que as crianças se transformem em futuros inadaptados ou futuras pessoas a margem da sociedade, por não ter referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas se foram «esquecendo» que essas crianças também necessitam de carinho, de afeto, que também são seres humanos como todas as outras crianças de classe social mais elevada.

Consciente de que este trabalho foi insuficiente na abordagem desta temática, pois muito mais haveria a expor, dado que o fenómeno da violência é muito amplo e surge em variados contextos, restando então cogitar que toda a sociedade se deveria mobilizar para

proteger os cidadãos de amanhã, para que não tenham um futuro sombrio, enredados em sofrimento, privações e sem projetos de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Guangues, galeras, chegados e rappers**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Garamond, 1999.

ARIÈS, Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIAULT, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo, Ed. Summus, 1989.

Convenção sobre os direitos da criança. [consulta 2010-04-13]. Disponível em: <www.giea.net/legislacao.net/internacional/convencao_direitos_crianca.htm>. Acesso em: 10 ago. 2010

FERMOSO, Pais. **A violência na escola: O educador – pedagogo social escolar**. In PANTOJA, Vinícius. **Novos espaços da educação social**. Bilbao: Universidade de Deusto, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 3ª ed. São Paulo – SP: Positico, 2004

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica (determinantes do desenvolvimento)**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

GOENAGA, Frantziska Arregi. **Os jovens e a violência**. In PANTOJA. **Novos espaços da educação social**. Bilbao: Universidade de Deusto, 1998.

INE – Instituto Nacional de Estatística – Statistics Portugal. **As pessoas**. 2011. Disponível em: <http://www.ine.pt/portal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes>. Data de acesso: 05 mar. 2011

MATOS, Margarida, e CARVALHOSA, Susana F. (2001). **A violência na escola: vítimas, provocadores e outros**. Tema 2, n.º 1. Faculdade de Motricidade Humana/ PEPT – Saúde/GPT da CM Lisboa.

PAIS, Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PETRUS R, António Rotger. Conceito de educação social. **Pedagogia Social**. Barcelona: Ariel Educación, 1997.

PINO, Margarita Juste. **A violência como resposta de alguns problemas da inadaptação social: Campos da ação da educação social**. In PANTOJA, L. **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

QUEIROZ, Ivan da Silva. **Espacialidade do medo em fortaleza: a violência como vetor de mudanças no espaço urbano da capital cearense**. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Volume 2/3. 2000/2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução: Rolando Roque da Silva. Ed: Fonte Digital. 2002.

SEPLAN – Secretaria de planejamento urbano de Campina Grande. **Mapa de Campina**. 1987. Disponível em: http://www.seplan.pmcg.gov.br/mapas/Campina_GrandeMapa.pdf. Acesso em: Dez. 2010

SILVA, Aida Maria Monteiro. **EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: qual o papel da escola?**. 2002. Disponível em: <www.dhnet.org.br/inedex.htm>. Acesso em 20 fev. 2010.

TEXEIRA, Ondina. **Psicologia do sucesso**. São Paulo: Atlas. 1981

UDEMOMO - União dos Diretores de Escola do Magistério Oficial. In Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo. **Perfil da violência nas escolas públicas de São Paulo**. 2000. Disponível em: <<http://www.udemo.org.br/>>. Acesso em: 14 set. 2010.

UNESCO - DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3ª Ed. Porto: Asa, 1996.

VECHIO, Silvana. **A boa esposa**. In DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Dir.). **História das mulheres. A Idade Média**. Porto: Editora Afrontamento. 1993.

VICENTE, Adalberto Luis. “**A Retórica da Sensibilidade nas Reveres du Promeneu Solitaire**”. In **Verdades e Mentiras: 30 Ensaios de Jean-Jacques Rosseau**. Ijuí: editora Unijui, 2005.

ZALUAR, Alba . **Violência e educação**. São Paulo – SP: Cortez, 1992.

Professor Aluno

7. No ano de 2010, quantas vezes você sofreu agressão ou foi agredido no interior da escola.

n° de vezes que foi agredido n° de vezes que agrediu

8. Você sofre agressões de qualquer tipo na sua casa?

Sim Não